

DESCONSTRUINDO A TRADUÇÃO NO ENSINO DE LE

GRACIELE CORDEIRO¹; ROBERTA REGO RODRIGUES²

¹Universidade Federal de Pelotas – grahcord@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – betareseau@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo apresentar o projeto de extensão intitulado “A tradução no ensino de línguas estrangeiras: isso é viável nos dias de hoje?”, resultado de um estágio de docência de uma bolsista de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Letras. O projeto possuía como intuito discutir os papéis da tradução no ensino de línguas estrangeiras atualmente e promover a reflexão quanto à possibilidade de seu uso.

Se analisarmos rapidamente a história do ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, é perceptível que a busca por uma metodologia perfeita sempre foi, por muito tempo, uma obsessão por parte dos estudiosos (VILAÇA, 2008). Acreditou-se que seria possível desenvolver ou descobrir uma metodologia que fosse capaz de ser bem-sucedida em todas as situações. No entanto, esta busca incansável fez com que as novas metodologias acabassem, de certa forma, rompendo radicalmente com a anterior e a anulando.

Isto ocorreu, por exemplo, com o Método de Gramática e Tradução, um dos pioneiros no ensino de línguas estrangeiras. De acordo com JALIL; PROCAILO (2009), o Método Tradicional, como também era conhecido, foi amplamente utilizado para trabalhar línguas clássicas, como o grego e o latim. Com o objetivo final de acessar a literatura clássica, seu foco, portanto, era os textos literários, havendo uma preferência pelo estudo da gramática e o uso de listas de exercícios de aplicação e de tradução de vocabulário e frases.

No entanto, por ser um ensino centrado na escrita, havia pouco espaço para a oralidade, que se restringia à recitação de textos. A aprendizagem, ainda, dava-se através de memorização, o que lhe causava um aspecto muito mecânico. À esta metodologia, estaria ligada a visão platônica de língua, que a compreendia como uma “nomenclatura”. Isto é, haveria um inventário de palavras que remeteriam a formas universais e seus significados. Neste sentido, as palavras teriam a função de meramente representar formas e significados e a tradução seria uma mera substituição de nomes (CORRÊA, 2014).

Com os estudos estruturalistas, a língua passou a ser compreendida como um “fato social”, um sistema de signos linguísticos vinculados a uma sociedade específica (CORRÊA, 2014). Esta nova visão abriu precedente para novas metodologias, como a Abordagem Comunicativa e a Abordagem Accional. Com a preferência pelo discurso e a metodologia da aula oral e o entendimento de que o uso de sentenças isoladas poderia ser prejudicial, criou-se uma ideia de que as metodologias clássicas seriam muito ineficazes e que, portanto, deveriam ser desconsideradas.

Contudo, conforme aponta JAKOBSON (2012), existem três tipos de tradução, evidenciando que é uma prática presente no nosso cotidiano. Para o autor, o ato de utilizar sinônimos ou de reformular sentenças seria considerada uma tradução intralingual. Por outro lado, a tradução propriamente dita, como a entendemos, seria a tradução interlingual. No entanto, a tradução não se limitaria às linguagens verbais e a tradução de um signo verbal para um não-verbal, como

a adaptação de um poema para a dança, seria considerada uma tradução intersemiótica.

Posto isto, HURTADO ALBIR (1998 *apud* BRANCO, 2010) acredita que o uso da tradução em sala de aula possui dois aspectos: a tradução interiorizada, feita por todo aprendiz, e a tradução pedagógica, utilizada como ferramenta pedagógica para reforçar e verificar a aprendizagem. De acordo com LUCINDO (2006), tendo em vista que a língua materna é o ponto de referência dos alunos, a tradução interiorizada está constantemente sendo utilizada pelo aprendiz e não é possível ser suprimida.

Visto que o aprendiz recorre constantemente à língua materna quando seus recursos da língua estrangeira são insuficientes, defende-se a ideia de que o aprendiz desenvolve uma interlíngua. Consoante ORTÍZ ALVAREZ (2002), a interlíngua é “um sistema aproximativo pelo qual o aprendiz vai formulando hipóteses sobre a língua-alvo” (p. 2). Durante o processo de seu desenvolvimento, há um processo sistemático e dinâmico, em que a interlíngua evolui conforme o aprendiz recebe mais estímulos e testa suas hipóteses sobre a língua estrangeira (ORTÍZ ALVAREZ, 2002).

Ainda, CORRÊA (2013) aponta que ATKINSON (*apud* ROMANELLI, 2009) sugere diferentes usos de tradução que seriam benéficos para a sala de aula. Os “bons usos da tradução em sala” seriam:

- (a) explicar o significado de uma palavra mediante a tradução; (b) controlar a compreensão de uma estrutura da LE na LM; (c) permitir ou estimular os estudantes a traduzirem de uma palavra como controle de sua compreensão; (e) elucidar o vocabulário dando o equivalente na LM; (e) dar instruções relativas a uma atividade, na LM, facilitando a comunicação com os estudantes (CORRÊA, 2013, p. 6).

Sendo assim, conforme propõe BRANCO (2010), o trabalho em sala de aula de língua estrangeira utilizando tradução pode ser feito através das estratégias de tradução. Para CHESTERMAN (2016), estratégias seriam ativações por parte do tradutor, com a finalidade de conformar, rejeitar ou superar as normas de tradução. Desta maneira, a taxonomia proposta pelo autor mostra-se como uma boa ferramenta para o desenvolvimento do léxico, da visão crítica de língua e de aspectos culturais.

As estratégias, consoante CHESTERMAN (2016), estão divididas em três eixos principais: sintático, semântico e pragmático. Cada uma destas estratégias é subdividida em outros dez itens. Para as estratégias sintáticas, tem-se a tradução literal, o empréstimo ou calque, a transposição, a transposição de unidade e a de nível, a mudança na estrutura da frase, da oração, da sentença, de esquema e a coesiva. Nas semânticas, há a sinonímia, a antonímia, a hiponímia, a conversão, a mudança na abstração, na distribuição, na ênfase e no tropos e a paráfrase, bem como outras mudanças semânticas. Por fim, as estratégias pragmáticas contemplam o filtro cultural, a mudança na explicitação, na informação, na elocução, na coerência, na visibilidade e a mudança interpessoal, além da tradução parcial, da reedição de outras mudanças pragmáticas.

2. METODOLOGIA

O projeto de extensão foi realizado no período de 22 de maio a 19 de junho de 2019, constituindo cinco encontros na sala 305 do Campus II da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). As aulas foram ministradas por meio de exposições teórico-práticas e dialogadas, utilizando textos acadêmicos relacionados ao tema. Além disso, fez-se uso de recursos tecnológicos, como projetor, notebook, tablet e

internet. O público do curso foi constituído de 13 participantes, dentre os quais havia alunos do curso de Bacharelado e de Letras da UFPel, além de uma Doutora em Letras, de um assistente em administração da UFPel e de um participante sem vínculo, que se apresentou como tradutor *freelancer*. Os participantes apresentavam conhecimentos de inglês, espanhol, francês, japonês, alemão e russo.

Os encontros foram divididos da seguinte forma: (1) métodos de ensino de línguas estrangeiras; (2) tradução e interlíngua; (3) a tradução no ensino de línguas estrangeiras: prós e contras; (4) estratégias de tradução para o ensino de línguas estrangeiras; e (4) metarreflexão dos conteúdos abordados. No primeiro encontro foi realizado um teste simples de nivelamento de línguas entre os alunos, de forma a melhor direcionar os exercícios ao longo do curso. Em virtude de a ministrante ter apenas conhecimentos de inglês, espanhol, francês e japonês, o nivelamento e as atividades foram realizadas apenas nestes idiomas. Em seguida, as aulas foram divididas em dois momentos, a saber: (1) discussão de textos teóricos, coordenada por uma apresentação realizada pela ministrante; (2) realização de atividades de tradução, com o intuito de servirem como subsídio e exemplos para as práticas futuras dos alunos enquanto professores. Todos os materiais, tanto os textos teóricos, como as apresentações da ministrante, foram disponibilizados na plataforma Google Sala de Aula (GOOGLE, 2019).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao longo do curso, foi possível apresentar aos alunos a possibilidade do uso de tradução em sala de aula de língua estrangeira. Atualmente, o tema é tratado como um tabu no meio e acreditamos que foi possível desmistificar e adquirir um novo olhar sobre seu uso. As apresentações dos textos promoveram subsídio teórico para os alunos, permitindo, ainda, a discussão e a reflexão acerca do tema. Ao final, as práticas de tradução realizadas pelos alunos serviram como exemplo de bons usos da tradução. Também foi possível delimitar as situações em que o uso da tradução para o ensino de língua estrangeira apresenta resultados mais efetivos para o aprendiz e quais as principais estratégias utilizadas para este fim.

4. CONCLUSÕES

Sem dúvidas, a tradução é um processo inerente do ser humano e amplamente utilizada. No entanto, ela costuma ser ignorada pelas práticas pedagógicas, por ainda ser vista como um processo mecânico e pouco comunicativo. Por outro lado, é perceptível que ela pode desempenhar outros papéis no processo de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras, recebendo ainda um caráter comunicativo.

Sendo assim, o curso extensionista “A tradução no ensino de línguas estrangeiras: isso é viável nos dias de hoje?” alcançou o seu objetivo principal, qual seja, o de promover um espaço para discutir e refletir sobre as novas possibilidades de uso da tradução no ensino de línguas estrangeiras. Logo, foi possível aproximar os participantes a novas visões acerca do assunto, permitindo o acesso a novos conteúdos que ainda não são possíveis de serem abordados na universidade.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, S. O. Estratégias de tradução, interlíngua e o ensino de línguas. In: **CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO**, 5, 2010. **Anais...** São Paulo: Unibero, 2010. p. 58-66.

CHESTERMAN, A. **Memes of Translation**: The spread of ideas in translation theory. Amsterdã: John Benjamins Publishing Company, 2016.

CORRÊA, E. F. S. Velhas e novas questões da tradução no ensino de línguas estrangeiras: um olhar sobre salas de aula com línguas distantes. **Revista Escrita**, Rio de Janeiro, n. 17, 2013.

CORRÊA, E. F. S. **A língua materna e a tradução no ensino-aprendizagem de língua não-materna: uma historiografia crítica**. 2014. 236f. Tese (Doutorado em Letras) – Curso de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

GOOGLE. **Google Sala de Aula**. Acessado em: 18 mai. 2019. Disponível em: <https://classroom.google.com/>.

JAKOBSON, R. On linguistic aspects of translation. In: VENUTI, L. **The translation studies reader**. Londres: Routledge, 2012. p. 126-131.

JALIL, S.; PROCAILO, L. Metodologia de ensino de línguas estrangeiras: perspectivas e reflexões sobre os métodos, abordagens e o pós-método. In: **CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO**, 9, 2009. **Anais...** Curitiba: Champagnat, 2009. p. 775-784.

LUCINDO, E. S. Tradução e ensino de línguas estrangeiras. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, n. 3, 2006.

ORTÍZ ALVAREZ, M. L. A transferência, a interferência e a interlíngua no ensino de línguas próximas. In: **CONGRESSO BRASILEÑO DE HISPANISTAS**, 2, 2002. **Anais...** São Paulo: Associação Brasileira de Hispanistas, 2002.

VILAÇA, M. L. C. Métodos de Ensino de Línguas Estrangeira: fundamento, críticas, ecletismo. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, v. 1, n. 4, p. 73-88, 2003.